

# O Clube Militar e o Regime

Vai realizar-se, dentro em pouco, a eleição da diretoria do Clube Militar, associação beneficente e cultural, constituída por militares ativos e reformados. Trata-se de um ato normal, corriqueiro em toda associação, de interesse exclusivo dos seus membros e que, em nosso país, dado o nosso egoístico personalismo, decore, em quase todas as associações, em meio da indiferença da maioria. Entretanto, a eleição a que nos referimos, disputada por duas correntes irreconciliáveis, extravasou do âmbito restrito do Clube Militar para interessar a nação inteira e pôr, talvez, em jôgo as próprias instituições políticas.

Como explicar, pois, o vulto tomado por este ato à primeira vista tão simples e, em verdade, quase tão importante, como se fôsse a eleição do Presidente da República?

Há, para o explicar, um primeiro fato natural e irredutível. O Clube Militar é uma associação civil, na aparência semelhante às demais entidades existentes no País. Mas, sendo constituída de militares, reunindo em seu seio quase todos os militares, tornou-se de facto um órgão de classe. Toda vez que sobre qualquer materia se manifesta o Clube Militar, é como se por seu intermédio falassem a Marinha, a Aeronáutica e, muito principalmente, o Exército. Fâ-lo legitimamente, isto é, dentro das suas atribuições estatutárias, ou, pelo contrario, delas abusando? Pouco importa. Antes importa muito mais neste ultimo caso, porque então assume um papel eminentemente político, de intervenção na cousa publica, que à classe militar, como classe, como coletividade, como organização está constitucionalmente vedado.

Esta situação especial do Clube Militar, que faz dele um órgão político potencial das classes armadas, órgão de influência decisiva em determinadas conjunturas, é que reclama de seus membros, especialmente dos seus diretores, uma extremada cautela, um sólido bom senso para impedir nocivas e perigosas exorbitâncias. Estamos agora, como de outras vezes temos estado na historia da República, numa destas situações delicadas. Se a proxima eleição da diretoria do Clube Militar assumiu tal importância, que está a repercutir em toda a vida nacional, devemos-lo a que, no ano já decorrido, a associação abandonou a prudente orientação que vinha seguindo e se transformou num órgão político, talvez o mais ativo dos nossos órgãos políticos, exceptuada, naturalmente, a presidência da República. Contra semelhante deturpação das legitimas finalidades do Clube luta, justamente uma das correntes. E' inegavelmente uma reação salutar, que não se compreenderia não estivesse sendo encorajada pelo Govêrno, se à frente do Govêrno não se encontrasse o sr. Getúlio Vargas, sempre interessado na confusão nacional.

Mas, se tarefa sobremodo delicada é dirigir o Clube Militar, pela facilidade que a ação social tem em sair dos seus justos limites, necessário é reconhecer que a todas as exorbitâncias são os militares frequentemente provocados pela nossa própria vida política. Se o regime democrático funcionasse bem, se todas as questões se resolvessem de acôrdo com os anseios e o pensamento do País, bem poderiam os militares ficar tranquilamente entregues aos seus labores profissionais. Ainda os que tivessem um pendor especial pelas questões políticas, procederiam como cidadãos comuns e, reconhecendo a existência de um mecanismo político bastante sensível às solicitações do interesse público, não seriam tentados a intervir nele com o peso da sua espada. Faltando-nos, porém, tal mecanismo, muitas são as ocasiões em que os militares se sentem tentados a intervir na vida pública, quando a isto não são arrastados pelos pró-

prios políticos, que outro recurso não vêem para resolver os seus problemas.

Vejamos, por exemplo, o que succede em França. Não é das mais faceis a situação política daquele país, sobrecarregada de dificultosos problemas. Resolvê-los é, porém, tarefa dos órgãos de govêrno, não dos militares, aos quais cumpre somente manter a ordem. Sucedem-se as crises ministeriais, caem e sobem gabinetes, e o Exército continua a ser o "grande mudo". Não se manifesta, não interfere, não intervêm. Certo, tratando-se de questões relativas à defesa, faz-se necessário conhecer-lhe a opinião. Mas ela somente se manifesta com discreção, através dos seus órgãos técnicos. Nunca lhe passaria pela mente resolver os problemas políticos, que o são todos os problemas de govêrno.

Há, é certo, em França, um militar político: De Gaulle. Mas, desde que se dedicou à política, ficou êle automaticamente desligado da sua classe. A influência que êle exerce na vida publica francesa decore das suas atitudes e das suas idéias, e não da espada, que já não usa.

Este ideal da vida democratica longe está de ser alcançado no Brasil, em parte por fatores sociais e historicos, mas em muito maior parte por causa do nosso infeliz regime constitucional, que faz de uma simples eleição no Clube Militar um transcendente acontecimento político.